

PERCEPÇÕES DOS JOVENS DO CAMPO DA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO NO MUNICÍPIO DE PINDAÍ, BAHIA, SOBRE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL

Marciele Neres de Jesus¹/UNEB

Domingos Rodrigues da Trindade²/UNEB

RESUMO: Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada na modalidade de iniciação científica (IC), que teve como objetivo analisar as percepções sobre as relações de gênero e diversidade sexual dos jovens do campo da Comunidade Remanescente de Quilombo Boi, localizada no município de Pindaí-Bahia, situada no Território de Identidade Sertão Produtivo. Para coletar os dados foi realizada uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, utilizando-se das técnicas de coleta de dados: análise de documentos, e grupos de discussão com jovens homens e mulheres da referida comunidade. Neste trabalho, discutem-se os conceitos Juventudes, juventude do campo, gênero e diversidade sexual. De acordo com os dados da pesquisa, a juventude do campo, devido à falta de conhecimento a qual foi submetida, ainda carrega consigo as marcas do sistema tradicional, limitando-os a discutirem assuntos relacionados a gênero e diversidade sexual, principalmente no âmbito familiar, o que tem contribuído para que muitas mulheres normalizem e reproduzam as situações de opressão que vivem, e a construção de uma visão pejorativa sobre as pessoas com orientação sexual contrária aos padrões heteronormativos. Nesse sentido, é necessária que seja apresentada às juventudes do campo outra visão sobre esses assuntos. Uma visão diferente da que os sistemas conservadores passam a todo instante, que contribuem significativamente para a não aceitação dos direitos das mulheres e da comunidade LGBT.

Palavras-chave: Diversidade sexual. Gênero. Jovens do campo. Lutas por direitos.

Introdução

Em uma sociedade predominantemente capitalista e patriarcal, falar de gênero e diversidade sexual é considerado um desafio. Nesse contexto, essa pesquisa teve como objetivo analisar as percepções sobre as relações de gênero e diversidade sexual dos jovens do campo da Comunidade Remanescente de Quilombo Boi, localizada no município de Pindaí-Bahia, situado no Território de Identidade Sertão Produtivo.

Nessa premissa, os jovens em geral têm passado por várias experiências e mudanças ao longo dos anos, e ao mesmo tempo sofrido com restrições e imposições relacionadas às suas ações e ideias na sociedade. Desse modo, para as juventudes do campo os limites são ainda maiores do que para aqueles e aquelas jovens que vivem nas cidades, considerando os

¹ Estudante do 8º semestre do curso de pedagogia da Universidade do Estado da Bahia- Campus XII. Bolsista de iniciação científica. marcieleneres@gmail.com

² Doutor em Educação, professor adjunto do Departamento de Educação, *Campus XII/UNEB*. Pesquisador do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire/CNPq e do Grupo de Pesquisa Educação do Campo, Trabalho, Contra-Hegemonia e Emancipação Humana/ CNPq. E-mail: ctrindade@uneb.br

IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



costumes e valores arraigados nas relações da população, transmitidos pelos adultos a jovens e adolescentes.

As diferenças de gênero refletem na invisibilidade da diversidade sexual, pois na medida em que se ensina desde a infância como as pessoas devem agir, obedecendo a seu sexo biológico, não se aceita que homens e mulheres possam ter orientações sexuais diferentes do que aquela considerada “normal”, que é a relação entre homem e mulher. Com isso, aumentam-se cada vez mais os casos de homofobia e violências contra as mulheres.

No processo de leitura sobre a questão de gênero uma indagação que suscitou foi: como é ser jovem do campo e ter sua identidade sexual contrária a heteronormatividade? Tal indagação parece causar estranheza e espanto, pois a falta de informações e conhecimento de muitos, em relação à sexualidade, perpetua a ideia de que no campo não há diversidade sexual, quando na verdade o que existe são jovens com medo de demonstrarem a sua sexualidade e se exporem perante a sociedade. Morar no campo ainda não é bem visto para muitos, nesse cenário ser lésbica, gay, bissexual, travesti e transexual e do campo, parece-me ser ainda pior, pois as agressões poderão ser em dose dupla.

Nesse cenário, movimentos feministas e LGBTs surgiram como forma de resistência e liberdade para essa população inferiorizada e oprimida da sociedade. Os padrões pré-estabelecidos necessitam ser desconstruídos, pois eles não atendem a diversidade presente na sociedade. É preciso lutar por uma sociedade em que haja igualdade de direitos e que todos possam ser atendidos em suas diferenças.

Caminhos metodológicos

A pesquisa foi realizada na Comunidade Remanescente de Quilombo Boi, localizada no município de Pindaí-Bahia. Para alcançar os objetivos propostos e responder as indagações presentes em torno da Juventude do campo e questões relacionadas a gênero e diversidade sexual, foi realizada uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, pois esta proporciona um envolvimento maior com a realidade cultural e social. Conforme Chizzoti (2001, p. 79) “a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”.

Os dados foram coletados por meio de análise de documentos e grupos de discussão com jovens mulheres e homens da Comunidade Remanescente de Quilombo Boi.

Segundo Gil (2008, p. 147) “essas fontes documentais são capazes de proporcionar ao pesquisador dados em quantidade e qualidade suficiente para evitar a perda de tempo e o

constrangimento que caracterizam muitas das pesquisas em que os dados são obtidos diretamente das pessoas”. Além disso permite uma análise aprofundada de fatos que ocorreram no passado e são necessários para compreender situações presentes.

Os grupos de discussão como técnica de pesquisa “[...] representam um instrumento por meio do qual o pesquisador estabelece uma via de acesso que permite a reconstrução dos diferentes meios sociais e do habitus coletivo do grupo” (WELLER, 2006, p. 247). Os participantes relataram que a realização dos grupos lhes permitiu um momento, em que eles puderam debater de forma coletiva sobre assuntos tão pertinentes, porém pouco discutido.

Resultados e discussões

A juventude pode ser considerada como uma categoria social, onde estão presentes transformações para além das esferas biológicas, que estão relacionados com aspectos culturais, sociais e econômicos, que se diversificam de uma sociedade para outra. Nessa perspectiva, muitos estudiosos defendem a ideia de que se refira a jovens e juventudes no plural, para que todas as formas de vivenciar a condição juvenil sejam contempladas.

De acordo com Weisheimer (2015, p. 32),

Essas definições seriam incompletas se não incorporassem a multiplicidade das condições sociais de existência dos jovens e das formas de representação delas resultantes. Isto é, apontam para a necessidade de pensarmos mais em termos de juventudes e jovens no plural, uma vez que esses vivem realidades sociais diversas, construindo experiências e identidades juvenis distintas.

As relações de gênero foram construídas socialmente por uma sociedade egocêntrica, marcada pelo machismo e o sistema patriarcal, onde homens e mulheres devem ocupar espaços distintos, segundo as regras impostas socialmente, em que as diferenças biológicas têm ocasionado desigualdade de gênero. “Assim a formação da personalidade, bem como a do comportamento e da identidade de gênero de uma pessoa estariam necessariamente coladas ao sexo com o qual ela nasce” (VIANNA, 2018, p. 21).

A aceitação da diversidade sexual, em uma sociedade dominada pelo sistema patriarcal, perpassa os limites da soberania e poder, e enfrenta diariamente resistência por parte daqueles que pregam o conservadorismo exacerbado e não aceitam outras formas de viver em sociedade se não aquelas que atendam às suas demandas. Conforme Oliveira e Teruya (2018, p. 46) “na escola e na família, adolescentes que não se identificam com a heteronormatividade são excluídos(as) e apontadas (os) de modo vexatório, criando uma barreira para o contato social dentro e fora das instituições escolares”.

IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



Contudo, a educação mesmo sofrendo diversos ataques como cortes orçamentário, a escola sem partido, e a reforma do ensino médio, dentre outros ataques com intuito de aprisionar ideias e transformar o cidadão em máquinas para o mercado de trabalho é o melhor percurso a ser trilhado para desconstruir os estereótipos relacionados à sexualidade. Ainda que haja uma árdua luta para que não se perca o que foi conquistado em várias esferas que tangem a classe subordinada do país e a escola possa ser verdadeiramente libertadora e para todos como foi garantido desde a democratização do ensino em 1988. Vale ressaltar que para que a escola liberte as pessoas, ela precisa antes ser liberta desse sistema a qual serve.

Nessa perspectiva, compreender como os jovens da Comunidade Remanescente de Quilombo Boi se percebem enquanto jovens é importante para identificar os principais desafios vivenciados por eles no campo. Nesse sentido, ao serem indagados como eles se veem enquanto jovens, a maioria dos participantes disse que se considera jovem, porém a fala de uma jovem de quinze anos chama atenção, quando ela relata que não se sente jovem, devido às responsabilidades que lhes foram atribuídas dentro do seu grupo familiar.

Assim, no meu modo de pensar sobre mim, eu não me considero jovem ainda, no caso não é sobre a idade, é por causa que, na minha mente eu não me considero jovem, porque minha família, esses antepassados me colocaram em responsabilidades que, não tem tempo de brincar fazer essas coisas, aí eu não me considero jovem, eu já me sinto, tipo o que na minha mente eu já me sinto adulta, entendeu. Responsabilidades acaba a gente ficar com a mente adulta (JM1).

Enquanto temos pessoas em idade juvenil que não se consideram jovens, outras com mais de trinta anos se consideram nessa condição. Nas palavras de Bourdieu, (1983, p. 2) “[...] a juventude e a velhice não são dadas, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos”.

Nesse cenário de invisibilidade e falta de políticas de valorização do campo em muitas comunidades rurais, as discussões sobre gênero e diversidade sexual demandam desconstrução dos estereótipos que permeiam essas questões. No âmbito familiar, por exemplo, o assunto sexualidade é pouco debatido, devido a tradições conservadoras que ainda fazem parte do cotidiano de muitos jovens, como se pode identificar na fala a seguir:

Pelo fato da gente morar na roça, a gente sempre segue os costumes né dos antigos, então se a gente for falar algum assunto desse, um já acha que é desrespeito, já não gosta, então é por isso que, no caso da gente é pouco debatido acho que tem um pouco disso ainda, dessa tradição (JH1).

“A gente segue o costume né dos antigos” essa expressão revela o quanto à tradição ainda prevalece nas famílias camponesas, tradições que fazem com que assuntos pertinentes à realidade de todos sejam considerados impróprios e desrespeitosos. Para Sachi (2018, p. 30),

[...] é na interação das relações sociais que o sujeito se constrói historicamente em seu ambiente, carregando consigo bagagens construídas ao longo do tempo, e que, por vezes, será necessária uma (des) construção uma (re)construção para que esse mesmo sujeito se entenda como parte integrante de um todo em constante transformação.

De acordo os jovens participantes da pesquisa a desigualdade entre homens e mulheres pode ser percebida em vários aspectos, mas, sobretudo na questão salarial. Em relação a isso, uma jovem ressalta que:

Para começar por salário, que é eu... não aceito, fico indignada, a mulher passar pelo mesmo tipo de formação do homem, passar por tudo, as vezes tem caso de ela ter bem mais capacidade que o homem, em relacionada a conhecimentos, mas por fato dela ser mulher o homem acaba passando na frente dela (**JM2**).

Durante as falas dos pesquisados pode se perceber o quanto as relações de gênero e diversidade sexual precisam ser debatidas entre esses sujeitos, tanto no contexto familiar como também no âmbito escolar, pois, o respeito à diversidade sexual das pessoas é um dos princípios importantes para viver e conviver bem em sociedade.

Essa desigualdade reflete também nos lugares que cada um ocupa na comunidade. Ainda hoje existem lugares designados socialmente somente para homens e outros para as mulheres.

Quando indagados sobre o que pensam sobre os padrões contrários aos heteronormativos, as falas se basearam na religião. De acordo com um jovem “tem que ser de acordo a criação que acredito também né, porque se Deus fizesse só homem, só homem, também não ia ter a família (**JH2**). “A gente acredita na origem de Deus, né!” (**JM8**). Na percepção de Souza (2014, p. 201), “a família só seria legítima se acompanhasse o modelo homem, mulher e filhos, sendo descartadas outras composições”. Compreende-se, assim, que o modelo de família aceitável é somente aquela composta por homem, mulher e filhos, desconsiderando as outras formas de se constituir uma família, que não seja esta patriarcal.

Em várias falas os jovens se preocupam em enfatizar que lidam com a diversidade em geral com respeito e mesmo não concordando com algumas atitudes, consideram que os temas gênero e diversidade sexual ainda precisam ser muito debatidos. Nesse sentido, é necessária que seja apresentada às juventudes do campo outra visão sobre esses assuntos. Uma visão

diferente da que os sistemas conservadores passam a todo instante, que contribuem significativamente para a não aceitação dos direitos das mulheres e da comunidade LGBT.

Considerações finais

Os dados coletados permitiram a compreensão de que os jovens do campo por viverem em uma comunidade onde os valores tradicionais estão enraizados nos ensinamentos que lhes são passados, começam a adquirir algum conhecimento quando saem desse espaço, e convivem com outras realidades. Por outro lado, aqueles que não têm a oportunidade de adentrar outros espaços, permanecem acreditando e reproduzindo ideias e comportamentos legitimados pela classe opressora.

A falta de informação é um dos fatores que contribui para a reprodução de ideias conservadoras e patriarcais. Nesse sentido, temáticas como diversidade sexual e relações de gênero continuam sendo invisibilizadas nos processos educativos no campo e na cidade. As desigualdades de gênero são notáveis nas falas dos jovens pesquisados, no campo a mulher ainda é aquela que cuida dos afazeres domésticos e quando vai para a roça com o marido seu trabalho é visto apenas como ajuda. Muitos jovens são reprimidos a não assumirem a sua identidade de gênero e se calam diante da opressão.

Dessa forma o silenciamento no campo perpassa a falta de políticas públicas e investimentos, abrangendo também a sexualidade desses sujeitos, e questões relacionadas a gênero.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. Questões de sociologia, 1983. p. 112-121.
- CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- OLIVEIRA, Claudia Elaine Guedes de; TERUYA, Tereza Kazuko. Voluptuosidade e prazer: A homossexualidade no livro a confissão de Lúcio. MAIO, Eliane Rose.(org). Gênero e Sexualidade: Interfaces Educativas. Curitiba: Appris, 2018. P. 42-62.
- SACHI, Berivalda de Jesus do Prado. Possibilidades didáticas para o ensino da educação sexual em sala de aula. In: MAIO, Eliane Rose.(org). Gênero e Sexualidade: Interfaces Educativas. Curitiba: Appris, 2018. P. 25-41.



SOUZA, Sandra Duarte de. “Não à ideologia de gênero!” A produção religiosa da violência de gênero na política brasileira. *Estudos de Religião*, v. 28, n. 2 • 188-204 • jul.-dez. 2014 • ISSN Impresso: 0103-801X – Eletrônico: 2176-1078 DOI: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1078/er.v28n2p188-204>

VIANA, Cláudia. Políticas de educação, gênero e diversidade sexual, breve história de lutas, danos e resistências. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2018.

WEISHEIMER, Nilson. A situação juvenil na agricultura familiar. In: LEÃO, Geraldo; ROCHA, Maria isabel Antunes. (org). *Juventudes do Campo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. P.28- 49.

WELLER Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006